

Comunicação Comunitária e Local em Rede:

lógicas, práticas e vivências de sociabilidade e cidadania em telecentros no Agreste da Borborema-PB**

Communitarian and local communication in network:

logics, practices and experiences of sociability and populations in telecenters in Agreste of the Borborema-PB

Juciano de Sousa Lacerda*

Resumo: Apresentamos neste texto uma proposta de investigação das lógicas, práticas e vivências que caracterizam a condição de agentes produtores de comunicação e informação local e comunitária, em ambientes digitais midiático-comunicacionais, das pessoas e grupos que participam de projetos de inclusão digital públicos e gratuitos, no Agreste da Borborema-PB, região polarizada por Campina Grande-PB. Adotamos, como referencial metodológico, a perspectiva da pesquisa-participante, num modelo plural e flexível de webgrafia, midiografia dos telecentros e entrevista em profundidade. Com isso, pretendemos fazer o mapeamento das condições tecnológicas em multimídia dos telecentros da região, sistematizar a produção digital local e comunitária, tendo em vista identificar tipos de agência cidadã ou contra-hegemônica em seus modelos e resultados.

Palavras-chave: comunicação comunitária em rede; cidadania; inclusão digital; mídias digitais; telecentros comunitários.

Contextualização e problematização

Em busca de avançar na produção de conhecimento sobre práticas comunicativas, usos e apropriações comunitárias e locais das novas tecnologias da comunicação e das mídias digitais, pretendemos nesta pesquisa analisar as lógicas, práticas e vivências que caracterizam a condição de agentes¹ produtores de comunicação e informação local e comunitária, em ambientes digitais midiático-comunicacionais, das pessoas e grupos que participam de

(**) Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania do IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

¹ Uma das contribuições da pesquisa será a

fundamentação teórica e aplicada do conceito de *agente*, como forma de avançar na polaridade emissor-receptor, que não dá conta dos processos nos ambientes digitais. Nosso primeiro movimento será sistematizar o conceito tendo como ponto de partida proposições de Bruno Latour sobre a *Actor-Network-Theory* (ANT) (SEGATA, 2008; OPPENHEIM, 2007; LATOUR, 1998), autor sobre qual temos nos debruçado no GrupCiber (PGAS/UFSC).

² A ambiência é um lugar que põe em relação (BATESON, 1998) distintas semiosferas culturais (LOTMAN, 1996), em que atuam ou se estabelecem fronteiras, no processo de conhecimento mútuo e de inserção em um dado mundo cultural comum, que provocam tanto uma aproximação entre distintos espaços culturais como a produção de distinções, especializações dentro desses espaços. Desta forma, podemos pensar a ambiência dos telecentros como um lugar de relação entre distintas semiosferas: espaço digital, espaço pessoal e espaço dos objetos técnicos (arquitetônico). Cada uma faz parte de um espaço de significação específico, com suas gramáticas e modos de organização próprios, mas ali se encontram numa fronteira que as põe em

projetos de inclusão digital públicos e gratuitos, na região Agreste da Borborema-PB, no contexto das práticas políticas de inclusão digital.

No contexto da comunicação regional e da relação local-global, Milton Santos (2002) assevera que “cada vez mais as redes são globais”, entre elas as redes de informação e do comércio. E seriam, segundo ele, até incompreensíveis se as observássemos somente em suas manifestações locais ou regionais. Contudo, admite que “estas [redes locais/regionais] são também indispensáveis para entender como trabalham as redes à escala do mundo” (SANTOS, 2002, p. 269-270). É nessa perspectiva, que em nossas pesquisas empíricas temos observado o processo das redes de comunicação digital em telecentros em diversas localidades: Curitiba-PR (2007), Barcelona (Catalunha) (2006), Joinville-SC (2008) e, agora, a região de Campina Grande, na Paraíba. Na perspectiva das redes, desenvolvida por Milton Santos, são três os tipos de solidariedade, manifestas em três totalidades: o mundo, o território (país/estado) e o lugar. As redes garantem a realidade empírica do global (mundo), comprometem as fronteiras/contratos nos territórios, mas ganham uma *dimensão única no local*. É essa dimensão única que buscamos captar em cada investigação nessas diversas localidades.

O lugar é a terceira totalidade, onde fragmentos da rede ganham uma dimensão única e socialmente concreta, graças a ocorrência, na contigüidade, de fenômenos sociais agregados, baseados num acontecer solidário, que é fruto da diversidade e num acontecer repetitivo, que não exclui a surpresa (SANTOS, 2002, p. 270).

Cicilia Peruzzo, a partir das contribuições de Renato Ortiz, propõe o caráter relacional do local, que só existe se visto em relação ao regional, nacional ou global, ao mesmo tempo em que o global, por sua vez, necessitaria tornar-se local para se realizar (PERUZZO, 2006, p. 144). Desta forma, a *ambiência midiático-comunicacional*² dos telecentros precisa ser compreendida através das práticas locais de inclusão digital relacionadas com o panorama de políticas brasileiras e latino-americanas e, mesmo, com o paradigma global da Sociedade da Informação (CASTELLS, 2004; SCHAFF, 1995; TREMBLAY, 2005; MATTELART, 2002). Em nossa visão, a *inclusão digital* não pode se resumir a conectar pessoas à rede mundial de computadores. O acesso à tríade computador-telefonia-provedor de acesso não pode ser visto como única política de inclusão digital (SILVEIRA & CASSINO, 2003), pois há sempre o risco de colocar luz sobre a tecnologia de *hardwares* (equipamentos e estruturas) e *softwares* (programas) e deixar na sombra as condições humanas e sociais (WARSCHAUER, 2006).

E no local, o que fazem as pessoas e grupos em seu tempo cotidiano dedicado à internet em telecentros de acesso público gratuito? A compreensão dessas diversas singularidades das práticas locais nos possibilitará ir mais além, como afirma Clifford Geertz: “Necessitamos, no final, algo mais que saber local”. E acrescenta: “Precisamos descobrir uma maneira de fazer com que as várias manifestações desse saber se transformem em comentários uma das outras, uma iluminando o que outra obscurece” (GEERTZ, 2001, p. 353). Alejandro Piscitelli (2005) descreve características desse uso em termos de *escrever, ler e estudar* na rede. Abordamos os internautas nos telecentros investigados em Curitiba (LACERDA, 2008) em termos de *por onde navegam, o que lêem, o que publicam e como se comunicam* com outras pessoas em rede. Na *webgrafia*³ realizada durante o doutorado nos telecentros de Curitiba-PR, em termos de permanência efetiva na espacialidade digital, registramos diversos ambientes específicos ou categorias⁴ em que navegaram 136 internautas dos telecentros Aristides Vinholes, Telêmaco Borba (*Faróis do Saber*) e Vila Real (*Paranavegar*).

O tempo de permanência no *Orkut* nos três telecentros alcançou 2.409 minutos (42,63%), seguido de sites com temas sobre esportes, jogos on line, entretenimento e TV com 1.553 minutos (27,48%). Os sites de buscas e pesquisas escolares chegaram a 456 minutos (8,07%). O uso do editor de textos correspondeu a 97 minutos (1,71%). Identificamos, naquele contexto, que as condições tecnológicas dos telecentros não são propícias para se produzir conteúdos que ultrapassem as *formas conversacionais*, por mais que os gestores afirmem o contrário. Também são baixos os índices de leitura de conteúdos produzidos por instituições midiáticas tradicionais reconhecidas como a “velha mídia” (DIZARD, 2000). Com o processo de *convergência midiática*, a internet se tornou uma *incubadora de mídias* (LE MOS, 2003). Estamos diante de um novo sistema midiático que engloba todas as formas de comunicação humana em um formato digital (PAVLIK, 2005). Ou seja, uma espécie de *ecologia em rede* (PISCITELLI, 2005) com forte caráter *mediático-comunicacional*, com proeminência das plataformas de *mídias sociais* (SPYER, 2007), *softwares* gestados para internet, em que as pessoas se comunicam, acessam informações, compartilham experiências e opiniões no ambiente digital. Definimos como caráter mediático da internet, naquilo que a distingue da mídia tradicional: a possibilidade de o internauta expressar-se, seja segundo as normas vigentes ou em oposição a elas, na mídia digital que o hospeda. Esse tipo de interação não acontece dentro das condições de produção tradicionais dos *players* da mídia impressa e eletrônica. O aspecto significativo é que o advento das *mídias sociais*, da maior interatividade e o estabelecimento de uma intensa *conversação digital*,⁵ atuam diretamente sobre a lógica sobre

relação: o telecentro como ambiência midiático-comunicacional, como uma semiosfera de intersecção.

³ Abordaremos a proposta da Webgrafia na estratégia metodológica da pesquisa.

⁴ Registramos 3.064 minutos de navegação no Aristides Vinholes, correspondente a 57 internautas (até 1h por pessoa), nos dias 03, 11 e 26/10 e 01/11/2007; 1.856 minutos no Vila Real, referentes a 64 internautas (até 30 min por pessoa), nos dias 04, 17, 18, 19 e 20/10/2007, e 760 minutos no Telêmaco Borba, correspondentes a 15 internautas (até 1h por cada um), nos dias 13 e 14/10/2007.

⁵ Identifiquei um amplo uso de ferramentas e interfaces conversacionais na ambiência digital dos telecentros de acesso público gratuito de Curitiba, Paraná, com 54,14% do tempo de permanência dos internautas observados na investigação, na espacialidade digital dos três telecentros, era voltado para a conversação digital via orkut, meebo, msn, chat, etc. O fenômeno também era semelhante em Barcelona (Espanha).

a qual os profissionais, em empresas de mídia, estavam acostumados. Portanto, é mister buscar desvendar/desvelar (HEIDEGGER, 2001) os fenômenos comunicacionais e midiáticos, atencipando, quando possível, suas tendências.

Identificamos a *conversação digital* como um tipo de prática significativa em rede que problematiza as lógicas, produtores e produtos de interfaces digitais midiático-comunicacionais, pois não só reproduz, mas produz lógicas de sociabilidade, interação e comunicação local-cidadã, em grande parte contra-hegemônicas. A *conversação digital* é um tipo de agência significativa, em telecentros cuja tecnologia não possibilita outras formas de produção de conteúdo, por estabelecer outras lógicas de interação, em grande parte não mediatizadas pelos grandes conglomerados produtores de conteúdo. A dupla postura de fascínio e de crítica às tecnologias e sua relação com as organizações de mídia, demonstraram, na fala dos entrevistados, a fragilidade de se pensar um *ethos midiático* centrado na lógica do poder econômico. Os internautas demonstraram a capacidade de reconhecer os problemas e possibilidades da digitalização. É importante destacar que o Brasil representou na América Latina, a partir de experiências dos governos municipais e estaduais, a defesa de programas nacionais de telecentros de caráter governamental, distintos das iniciativas de parceria público-privadas ou somente privadas, em que os interesses comerciais entram em conflito com os objetivos sociais e cuja contribuição não passa da conectividade e do conhecimento básico de informática, podendo conduzir a uma perspectiva meramente consumista da informação (MENO *et al*, 2004: 53).

É nessa perspectiva que problematizamos a experiência da região Agreste da Borborema-PB,⁶ em relação às experiências locais anteriormente investigadas, como possibilidade de identificar, nas cidades em que há telecentros, a ampliação da *conversação digital* em que os participantes do diálogo interativo e produtivo se reconheçam como *agentes* do processo (para além das trocas textuais e icônicas em ambientes como Orkut, MSN, Meebo, chats, correio eletrônico) em condições concretas de produção de informação (multimídia, textual, hipertextual, visual, em áudio ou audiovisual) cidadã ou contra-hegemônica (HALL, 1984; TREMBLAY, 2005; PASQUALI, 2005) de interesse/enfoque *local* ou *comunitário* (PERUZZO, 2006) em plataformas de *mídias sociais* (SPYER, 2007) da Internet. Ou seja, em que condições o acesso e o uso de tecnologias de produção multimídia em telecentros de acesso público gratuito tornam possível a ampliação da *conversação digital* em termos de produção, circulação e troca de produtos culturais ou informativos de interesse local ou comunitário? Em segundo lugar, de que modos essa produção informativa/expressiva pode ser caracterizada como um tipo de *agência* cidadã ou contra-hegemônica? Quais as semelhanças e diferenças

⁶ A microrregião é composta por 12 municípios: Areal, Campina Grande, Esperança, Fagundes, Lagoa Seca, Massaranduba, Montadas, Pocinhos, Puxinanã, Queimadas, Remígio e Solânea. Fonte: SOUSA, Luiz Gonzaga de. Caracterização das terras agrícolas paraibanas. In: _____. *Análise de desempenho das culturas agrícolas da Paraíba*. Edição eletrônica gratuita, 2006. Texto completo em www.eumed.net/libros/2006a/lgs.

entre a ambiência dos telecentros de acesso público gratuitos em Campina Grande, cidade de referência do Agreste da Borborema-PB, em comparação com as demais localidades da microrregião atendidas por projetos de inclusão digital? E, por fim, de que modo essas diferenças e semelhanças operam significativamente sobre os modos de uso e apropriação das pessoas que usufruem dos serviços destes telecentros?

As perguntas se justificam pelas mutações do fenômeno dos telecentros nos últimos tempos. Durante a pesquisa empírica do doutorado, não era significativa a presença de telecentros voltados para a produção de conteúdos, integrados a projetos culturais locais de maior amplitude, a exemplo dos Pontos de Cultura ou do Casa Brasil, que ainda eram uma promessa. Hoje, são 824 Pontos com apoio de verbas do Ministério da Cultura em todo o Brasil, segundo dados do Instituto de Pesquisas e Projetos Sociais e Tecnológicos.⁷ O projeto interministerial Casa Brasil, coordenado pelo Ministério da Ciência e Tecnologia tem, atualmente, 73 unidades em funcionamento no país.⁸ Na região Agreste da Borborema-PB há dois Pontos de Cultura e duas Casa Brasil, oficialmente reconhecidas, todos em Campina Grande. Outros 57 pontos de inclusão digital (PIDs) são atendidos por diversos programas públicos e privados, sendo 41 deles sediados em escolas públicas de Campina Grande, com foco na comunidade estudantil. Os outros 16 espaços são abertos para a comunidade em tempo integral e estão distribuídos nos municípios de Campina Grande (9 deles), Areal (1), Fagundes (2), Remígio (1) e Solânea (3).

Pretendemos na pesquisa caracterizar os produtos e modos de produção informativa/expressiva realizados nos telecentros dos Pontos de Cultura e Casa Brasil do Agreste da Borborema-PB, tendo em vista identificar tipos de *agência* cidadã ou contra-hegemônica em seus modelos e resultados. Para isso, vamos mapear e descrever as lógicas das condições de acesso e uso de tecnologias multimídia em telecentros de acesso público gratuito para produção, circulação e troca de produtos culturais ou informativos de interesse local ou comunitário. Por fim, vamos avaliar e comparar o modo como as diferenças e semelhanças entre as ambiências de telecentros sediadas em Campina Grande e nos municípios satélites operam significativamente sobre as vivências, modos de uso e apropriação das pessoas que usufruem dos serviços e tecnologias ofertados.

Percurso da investigação

Não há um caminho já traçado entre um acontecimento ou fato concreto – que nos provoca – e sua transformação em objeto estruturado de uma pesquisa científica. O caminho se faz ao andar, mas como diz o poeta sevilhano-

⁷ Conferir o Mapa das Redes de Pontos de Cultura no endereço eletrônico [http://mapasdarede.ipso.org.br/mapa/]. Acesso em 30/03/2009.

⁸ Conferir seção “Unidades” no site do projeto Casa Brasil: [http://www.casabrasil.gov.br/]. Acesso em 30/03/2009.

madrilenho António Machado: “são teus rastros o caminho”.⁹ Esses rastros são o que poderíamos interpretar em Bachelard como o *percurso metodológico*, o caminho feito pela pesquisa na transformação de um fenômeno *imediate* em uma experiência *construída*, ricamente estruturada (BACHELARD, 2006: 125). Ou poderíamos atribuir metáforas para representar a dimensão metodológica da pesquisa, como “dimensão norteadora”, “mapa”, “bússola”, que representam o artesanato articulado em torno da *fabricação* de um *objeto de conhecimento*. Como propõe Jiani Bonin,

a metodologia pode ser pensada como dimensão que norteia, orienta, encaminha os processos de construção da pesquisa, em todos os seus níveis; como instância corporificada em fazeres, operações, experimentações e procedimentos que vão dando feição ao objeto do conhecimento, que vão se inscrevendo em lógicas atuantes na captura e fabricação pensada deste objeto (BONIN, 2008, p. 121).

Desta forma, passaremos a detalhar o nosso percurso, apontando o recorte empírico da investigação, os aspectos que situam o comunitário e o local como produção informativa, o tipo de postura investigativa e as estratégias e critérios de coleta e organização dos dados.

O recorte empírico dos telecentros do Agreste da Borborema

O nosso recorte principal, atendendo aos objetivos da pesquisa, é demarcado pelos telecentros de uso comunitário que possuem estrutura tecnológica para produção de informação local e comunitária, em distintos suportes multimídia. Portanto, definimos como primeira parte do recorte empírico da pesquisa quatro telecentros de Campina Grande-PB: a) o Ponto de Cultura Espaço CUCA – Centro Universitário de Cultura e Arte; b) o Ponto de Redes Culturais Populares Empreendedoras - Rede Viva de Culturas Populares Empreendedoras (www.paqtc.org.br/redeviva), coordenado pela Fundação Parque Tecnológico da Paraíba, em parceria com a UFCC, UFPB e UEPB; c) a Casa Brasil Campina Grande, cuja gestão é da Prefeitura Municipal de Campina Grande; d) e a Casa Brasil UEPB, cuja gestão é da UEPB.

Completando o recorte empírico, definimos outros 16 telecentros do Agreste da Borborema-PB, nove deles em Campina Grande e 7 em cidades da região, para atender ao objetivo 3 da pesquisa: avaliar e comparar o modo como as

⁹ “*Caminante, son tus huellas el camino, y nada más; caminante, no hay camino, se hace camino al andar*”.
T r a d u ç ã o :
“Caminhante, são teus rastros o caminho, e nada mais; caminhante, não há caminho, faz-se caminho ao andar.”
[h t t p : / / ocanto.esenvisu.net/destaque/machado.htm].

diferenças e semelhanças entre estes telecentros operam significativamente sobre os modos de uso e apropriação das pessoas que usufruem dos serviços e tecnologias ofertados. Os nove telecentros de Campina Grande são: 1) 31º Batalhão de Infantaria Motorizado, Programa/projeto GESAC; 2) 5ª Delegacia do Serviço Militar da 23ª CSM, Programa/projeto GESAC; 3) Telec. Fundação Sistêmica-Somos Um, Programa/projeto Telecentros Comunitários Banco do Brasil; 4) Prefeitura Municipal de Campina Grande, Programa/projeto GESAC; 5) Fundação Sementes da Vida, Programa/projeto Ação Digital Nordeste – RITS; 6) Estação Digital Campina Grande, Programa/projeto Estações Digitais Fundação Banco do Brasil; 7) Casa Brasil Orgulho da Gente (não consta no site do Casa Brasil); 8) TIN Campina Grande, Programa/projeto TIN – MDIC; 9) TIN Campina Grande/Amde, Programa/projeto TIN - MDIC

Os outros sete telecentros, distribuídos nos demais municípios da região Agreste da Borborema-PB são: Areial (1) TIN Areial - Programa/projeto, TIN – MDIC; Fagundes (2) 1 - Prefeitura Municipal de Fagundes; 2 – Telecentro Comunitário de Fagundes, Programa/projeto: GESAC; Remígio (1) TIN Remígio, Programa/projeto, TIN – MDIC; Solânea (3) -1 – Central das Associações Comunitárias de Solânea, Programa/projeto GESAC; 2 - Centro de Serviços Sócio-Educativos e Técnico-científicos para o desenvolvimento Comunitário, Programa/projeto Ação Digital Nordeste – RITS; 3 – TIN Solânea, Programa/projeto TIN – MDIC.

Da região Agreste da Borborema fazem parte outros 7 municípios,¹⁰ contudo no Mapa da Inclusão Digital do IBICT (<http://inclusao.ibict.br/>) não há registros da existência de telecentros nestas cidades, portanto, não farão parte da investigação neste momento. Há, ainda, em Campina Grande outros 41 pontos de inclusão digital (PIDs) localizados em escolas públicas. Muitos deles abrem no fim de semana para o uso comunitário, mas seu principal foco é atender às demandas de ensino-aprendizagem das escolas. Diante disso, ficam fora do recorte desta investigação, mas, por sua representatividade, nos interessam para um próximo projeto de investigação, focado justamente nessa característica específica de contexto de uso das tecnologias da informação e da comunicação: atender às escolas como foco principal para o ensino-aprendizagem e à comunidade, nos fins de semana.

Informação comunitária e local: cidadania e disputas hegemônicas

Neste segundo movimento de construção do percurso metodológico, pretendemos fazer a distinção entre *informação comunitária e local*, a partir das contribuições no campo da comunicação de Cicilia K. Peruzzo (2006),

¹⁰ São eles Lagoa Seca, Massaranduba, Montadas, Pocinhos, Puxinanã, Queimadas e Esperança.

como recorte do tipo de produção informacional que analisaremos nos telecentros supracitados do Agreste da Borborema-PB. O primeiro movimento é a impossibilidade de delimitar fronteiras totalmente demarcadas entre práticas midiáticas locais e comunitárias, da mesma forma como é problemático estabelecer fronteiras claras entre as espacialidades comunitárias, locais e regionais (PERUZZO, 2006, p. 143). Tomamos aqui duas perspectivas como ponto de partida para essa distinção, que serão melhor problematizadas durante o decorrer da pesquisa. A primeira, em termos da compreensão do *local*, como “um espaço determinado, um lugar específico de uma região, no qual a pessoa se sente inserida e partilha sentidos. É o espaço que lhe é familiar (...) muito embora as demarcações territoriais não lhe sejam determinantes” (PERUZZO, 2006, p. 144). Já a comunidade não pode ser confundida com um território (bairro, cidade etc) ou com segmentos e agrupamentos da sociedade (MARQUES DE MELO, 2006; PERUZZO, 2006; PAIVA, 2007). “Ela pressupõe a existência de elos mais profundos e não meros aglomerados humanos” (PERUZZO, 2006, p. 145). Portanto, segundo Peruzzo, não bastaria falar de coisas do lugar para um meio de comunicação ser considerado comunitário, é preciso laços fortes entre os participantes em torno de um coletivo capaz de fazer a superação das amarras do individualismo.

Há, portanto, uma tendência de a comunicação midiática local manter-se dentro da “ordem cultural dominante”, ou seja, uma relação de consonância com a estruturas hegemônicas vigentes no mundo político, social e cultural (HALL, 1980). A ordem dominante ou hegemônica procura então manter seu sistema de valores e significados como válidos, enquanto permanece a disputa, a “luta cultural” com outras formas não-hegemônicas, cujo enfrentamento se realiza de diversas formas: “incorporação, tergiversação, resistência, negociação, recuperação” (HALL, 1984). Muitas dessas práticas são contra-hegemônicas, podendo representar forças emergentes de produção de informação. Contudo, nas palavras de Stuart Hall, “las rupturas culturales de hoy pueden recuperarse para apoyar el sistema de valores y significados que domine mañana” (1984).

No contexto acima apresentado, pretendemos considerar os telecentros selecionados para a pesquisa em seu caráter comunitário ou local, até mesmo a intersecção entre essas características, uma vez que é impossível um limite exato entre elas. Esse será um avanço em termos das investigações anteriores que realizamos, pois não havíamos trabalhado uma definição metodológica clara sobre como classificar os telecentros em locais ou comunitários, em seus modos de gestão, objetivos, aptidões, interesses, tipos de públicos, diante das condições locais de produção de informação e as relações de poder que se estabelecem.

Postura investigativa, estratégias e critérios de coleta e organização dos dados

O próximo movimento é explicitar o conjunto *plurimetodológico* de procedimentos que operacionalizamos para o registro, organização, sistematização da investigação. Os procedimentos que vamos explicitar foram construídos e aplicados durante a pesquisa de doutorado, primeiramente de modo exploratório em Barcelona (Catalunha), em 2007, e depois, de modo sistemático, em Curitiba-PR (2007). Contudo, uma construção metodológica nunca está dada ou é definitiva, pois pode se transformar numa receita e perder seu *caráter de experimentação* (BONIN, 2008), capaz de produzir novos conhecimentos no campo. Nossa postura, portanto é de experimentação criteriosa na perspectiva da *observação direta participante*, na qual “o investigador social se implica directa y activamente en la vida cotidiana del grupo” (GARCÍA FERRANDO; SANMARTÍN, 1996, p. 121). Na observação direta e participante, é importante ter em claro as questões que se quer investigar, mas o conjunto de procedimentos não precisa estar totalmente definido e fechado de antemão, pois corre-se o risco de uma aplicação mecânica em campo, que gera uma aparência de segurança, mas compromete os resultados (GARCÍA FERRANDO; SANMARTÍN, 1996). No contexto da investigação das práticas comunicacionais e midiáticas nos telecentros no Agreste da Borborema, nossa postura é de que a metodologia da pesquisa participante é um *artesanato intelectual* (MILLS, 1975), que na perspectiva qualitativa sempre pode ser aperfeiçoado. Desta forma, as estratégias metodológicas aqui propostas são nosso ponto de partida, cabendo, no percurso, a necessidade de movimentos táticos no sentido de *qualificar* ainda mais os instrumentos de pesquisa em função do cotidiano concreto das pessoas que atuam nos telecentros selecionados. Entendemos que a perspectiva qualitativa na observação direta e participante não é o lugar da informalidade, em que tudo é válido, pois importaria somente a “qualidade”. Qualidade necessita de disciplina e, também, de flexibilidade. “No hay reglas de correspondencia que ligen teoría y objeto de la observación, sino maneras enormemente específicas de conducirse em la interacción social em cuyo seno se va desarrollar la observación participante” (GARCÍA FERRANDO; SANMARTÍN, 1996, p. 132). Temos consciência de que no cotidiano dos usos e apropriações dos telecentros configuram-se lógicas, práticas e vivências de sociabilidade e cidadania. E para poder identificá-las e interpretá-las é preciso “estar ao mesmo tempo em posição exterior para escutar e ser um participante das conversações naturais onde emergem as significações das rotinas dos participantes” (COULON, 1995. p. 91). Numa observação participante, nossa implicação com o local e risco de tomarmos uma postura

militante é muito maior do que em outros métodos. Diante disso, é preciso ter consciência crítica de si mesmo, de que não somos “nativos” do grupo, no jogo da observação, somos vistos, ainda, como pesquisadores, temos papéis distintos nas atividades cotidianas realizadas no telecentro.

Do ponto de vista da sistematização dos dados, mais do que reforçar o imaginário dualista entre perspectiva qualitativa (interpretativa) e quantitativa, é preciso perceber que não há *quantificação sem qualificação* ou *análise estatística sem interpretação* (BAUER, GASKELL & ALLUM, 2003: 24). Interessa questionarmos sobre, do ponto de vista metodológico, como o objeto comunicacional nos interpela em seus vários nuances. “Uma cobertura adequada dos acontecimentos sociais exige muito mais métodos e dados: um pluralismo metodológico se origina como uma necessidade metodológica” (BAUER, GASKELL & ALLUM, 2003: 18).

Esse pluralismo não se confunde com dispersão ou efeito de cientificidade, mas deve se constituir como imperativo. “Cada pesquisa empírica demanda a estruturação de instrumentos técnicos de observação, experimentação, registro, teste e sistematização de informações” (MALDONADO, 2006: 286). A natureza dos processos comunicacionais e midiáticos requer formulações *plurimetodológicas* no contato com a realidade empírica numa perspectiva investigativa, principalmente quando o comunitário e o local vivenciam as lógicas das tecnologias digitais de comunicação. O conjunto plurimetodológico de procedimentos está articulado em três eixos relacionados entre si, que denominamos como *webgrafia*, *mediografia do tempo/espaço dos telecentros* e *entrevista em profundidade* com enfoque na *história das práticas e vivências digitais* do sujeitos da pesquisa.¹¹

Webgrafia da produção comunitária e local

Para desenvolver a *Webgrafia* como procedimento metodológico, partimos da metáfora elaborada por Todd Gitlin (2005) da “correnteza” ou do “dilúvio” midiático que inunda de informações nosso cotidiano. E para reduzir sua enormidade a uma escala humana de convivência cômoda com tanta informação, “definimos nossos favoritos, classificamos as partes, nos centramos em determinados segmentos e fazemos o possível para ignorar o restante” (GITLIN, 2005: 146). Essas atividades de definir, classificar ou nos focar em determinados tipos de informação se constituem como “estratégias de navegação”. “Com o fim de controlar o incontrolável, cultivamos estratégias de navegação que, quando se consolidam e se tornam habituais, com bom critério podem denominar-se ‘estilos’” (GITLIN, 2005: 146). Na pesquisa

¹¹ “Os processos de comunicação não acontecem por si só, precisam de sujeitos que se comuniquem. Mas, para que tenham um valor de cientificidade, é preciso que estes sujeitos, a partir de suas *competências*, desenvolvam uma capacidade de reflexividade e relatabilidade sobre suas práticas. Esse movimento operativo os torna co-produtores do conhecimento sobre sua própria comunicação e, dessa forma, contribuem ativamente para os estudos ou formulações sobre a Comunicação enquanto lugar de produção de saberes” (LACERDA, 2003: 138).

de doutorado (2004-2008), nos limitamos à descrição das estratégias de navegação dos internautas, dos seus ambientes digitais favoritos, a partir de um mapa em que registrávamos, minuto a minuto, em intervalos de uma hora, os ambientes por onde navegavam os internautas. Esse instrumento foi aliado a um questionário breve sobre as preferências de navegação e sobre as atividades que realizavam no telecentro. Nesta nova investigação, trabalharemos principalmente o mapeamento das *estratégias de produção*. A partir da construção de um novo instrumento que possa dar conta do registro sistemático das práticas e astúcias dos agentes na produção de informações comunitárias ou locais e de bens culturais, em função da qualidade de softwares, fluxos, acessos, plugins, filtros, interdições, possibilidades e limites técnicos encontrados na espacialidade digital (ciberespaço) dos telecentros investigados. Procuraremos identificar em um *questionário* pistas sobre hábitos, práticas, rotinas, astúcias, para chegar aos sentidos que elaboram sobre tais práticas, durante a fase das *entrevistas em profundidade*.

Midiografia do espaço/tempo dos telecentros

Com o que denominamos de *midiografia do espaço/tempo dos telecentros* temos como meta caracterizar, pela descrição detalhada, a ambiência midiático-comunicacional dos espaços dos telecentros. Como primeiro procedimento, realizaremos o *registro e a descrição do espaço informacional arquitetônico de cada telecentro*, a partir de anotações em dois tipos de *diário de campo: textual e digital*.¹² Compararemos com os registros os tipos de ambiente, estrutura tecnológica, número, tipos e configurações de computadores e equipamentos midiáticos acessíveis à população, e, por fim, a qualidade das acomodações. Para narrar essas comparações e estabelecer um diálogo com os dados escritos, produziremos imagens com câmera digital, tomando-as como um *caderno de campo digital* (ACHUTTI & HASSEN, 2004).¹³

Entrevistas em Profundidade: histórias das práticas e vivências digitais

Para fazer relações necessárias entre práticas, vivências e percepções dos internautas sobre sua agência produtiva face às ofertas e condições tecnológicas de produção dos telecentros, como ambiência midiática digital, optamos no enfoque da *entrevista em profundidade* pela linha da *história das práticas e vivências digitais*, compreendendo os períodos de sua experiência com a mídia tradicional e as mídias digitais, de consumidor a produtor de informações. O objetivo é captar nas significações produzidas nas entrevistas se há o reconhecimento, por parte dos agentes, do sentido de cidadania e de

¹² C. Wright Mills (1975) indica a produção de um diário como parte do artesanato intelectual, inclusive para registrar “pensamentos marginais” advindos de pensamentos da vida diária, de conversar que ouvimos na rua, até mesmo sonhos. No momento da observação mesma nos telecentros, certas impressões ou *insights* se produzem ou são provocados somente naquele contexto, naquele momento (*timing*), sem o registro perdem-se como possibilidade de levar a um raciocínio estruturado.

¹³ “O filme e a prata não são mais os elementos. Falamos em pixels, bits e memória (não somente cartões de memória, mas a memória como suporte da identidade individual e coletiva). As câmeras fotográficas digitais garantiram *consideráveis* mudanças no trabalho de campo. Talvez sua principal diferença em relação à fotografia convencional seja a possibilidade de se poder ver as fotografias “no lugar” e, mais importante ainda, poder selecioná-las “no lugar” (ACHUTTI & HASSEN, 2004: 278). Ao mesmo tempo, isso pode se converter num problema, segundo os autores, pelo risco de perder um tempo precioso dos sujeitos da pesquisa ou para a observação, ao demorar em avaliando as “melhores” as fotos. E a sensação de poder descartar as não

classificadas, pode fazer perder imagens que, distante do calor da hora, teria um valor para a pesquisa ou como registro histórico.

¹⁴ Que envolve processos de *exploração, descrição e análise de fundo* das histórias de vida, em vários momentos, com idas e vindas, retomadas, num processo temporal longo e intenso, paralelo a outros registros etnográficos de imersão na vida da população investigada (GALINDO CÁCERES, 1998: 371-375).

¹⁵ Mills adverte que o pesquisador tem que ser, ao mesmo tempo, “confiante e cético em relação à sua experiência” (1975: 213), e essa ambigüidade o mantém vigilante sobre suas próprias práticas de pesquisa de campo. Neste aspecto, a articulação da entrevista em profundidade com o diário de campo textual é fundamental também como espaço de pensar-se do pesquisador, ao tomar nota sobre si, em campo, enquanto aplica os procedimentos de pesquisa.

Artigo

Recebido: 04/08/2009

Aprovado: 10/10/2009

Key Words:

communitarian communication network; citizenship; digital inclusion; digital medias; telecenters communitarian

ação contra-hegemônica em suas práticas de produção comunicativa e expressão cultural na Internet, a partir dos telecentros. A partir do grupo de pessoas que participarem mais ativamente da fase da *webgrafia e midiografia*, definiremos um grupo significativo que represente as especificidades encontradas em campo, em função das diferentes modalidades de telecentros (de produção de conteúdo multimídia; de acesso a conteúdos e troca de mensagens; de capacitação em informática básica) e do lugar onde se localizam (Campina Grande; cidades periféricas do Agreste da Borborema), de forma que as narrativas possam contemplar os diferentes matizes. Não se trata de uma proposta metodológica de *história de vida* como concebida *strictu sensu* e consolidada na etnografia,¹⁴ mas como método inspirador e auto-reflexivo para se pensar e apropriar-se do processo de entrevista em profundidade, uma vez que se trata uma pesquisa participante, mas de médio prazo. Para fortalecer o aspecto participante, a inspiração metodológica de “confiança ambígua”¹⁵ nos faz ver o desafio de construir uma relação de intensidade com os entrevistados num período de tempo relativamente curto. Mesmo se tratando de uma entrevista em profundidade, a sua “efetivação exige um considerável esforço do pesquisado, portanto deve ser efetuada quando as condições de amadurecimento da inter-relação pesquisador-pesquisado alcancem um nível bom de produtividade e criação” (MALDONADO, 2000, p. 6).

Principais contribuições da pesquisa

Com os resultados da pesquisa, pretendemos fortalecer: a) no campo da comunicação a teorização sobre as plataformas digitais de mídias sociais com enfoque local e comunitário; b) no âmbito da comunicação regional, a teorização sobre o local e o comunitário na perspectiva das novas tecnologias da comunicação e mídias digitais. Por fim, esperamos contribuir para o pensamento desenvolvido no campo da comunicação regional em torno do uso das mídias digitais/sociais em práticas de cidadania e da democratização da informação e da produção cultural. Com isso, ampliar a discussão das políticas públicas de comunicação, relacionadas às políticas públicas de inclusão digital, no contexto do paradigma da Sociedade da Informação.

ABSTRACT: We present in this text a proposal of inquiry of the logics, practical and experiences that characterize the condition of producing agents of communication and communitarian local information and, in mediatic-communications digital environments, of the people and groups that participate of public and gratuitous projects of digital inclusion, in the Agreste of the Borborema-PB, region polarized for Campina Grande City. We adopt, as methodological referential, the perspective of the research-participant, in a plural and flexible model of webgraphy, mediagraphy of the telecenters and interview in depth. With this, we intend to

make the mapping of the technological conditions in multimedia of the telecenters of the region, systemize the digital and communitarian local production, in view of identifying to types of agency against-hegemonic citizen or in its models and results.

Referências

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson; HASSEN, Maria de Nazareth Agra. Caderno de campo digital – Antropologia em novas mídias. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 10, n. 21, p. 273-289, jan./jun., 2004.

BACHELARD, Gaston. **A epistemologia**. Lisboa: Edições 70, 2006.

BATESON, Gregory. **Pasos hacia una ecologia de la mente**. Buenos Aires: Lohlé Lúmen, 1998.

BAUER, Martin W., GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BONIN, Jiani Adriana. Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação. **Revista FAMECOS**, n° 37, quadrimestral, Porto Alegre, dezembro de 2008, p. 121-127.

CASTELLS, Manuel. A Internet e a sociedade em rede. In: OLIVEIRA, José Paquete. de; CARDOSO, Gustavo L.; BARREIROS, José Jorge. **Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação**. Lisboa: Quimera, 2004, p. 221-244.

COULON, Alain. **Etnometodologia**. Vozes, Petrópolis: 1995

COSTA, Antonio Roberto Faustino da; OLIVEIRA, Frederico Antonio Almeida de. Mídia e desenvolvimento regional: a constituição discursiva de Campina Grande-PB como pólo tecnológico. **Acervo On-Line de Mídia Regional**, Taubaté, SP: Nupec/Unitau, n. 10, set./dez. 2008. Disponível em [<http://www.csonlineunitau.com.br/midiaregional/>]

DIZARD, Wilson. **A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

GALINDO CÁCERES, Jesús. Etnografía: El oficio de la mirada y del sentido. In: GALINDO CÁCERES, Jesús (org.). **Técnicas de la investigación**

en sociedad, cultura y comunicación. México, DF: Pearson/Addison Wesley Longman, 1998, p. 347-383.

GARCÍA FERRANDO, Manuel; SANMARTÍN, Ricardo. La observación científica y la obtención de datos sociológicos. In: GARCÍA FERRANDO, Manuel; IBÁÑEZ, Jesús; ALVIRA, Francisco (orgs.). **El análisis de la realidad social: métodos y técnicas de investigación.** Madrid: Alianza Editorial, 1996, p. 115-146.

GEERTZ, Clifford. O saber local: fatos e leis em uma perspectiva comparativa. In: _____. **O saber local.** 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 249-356.

GITLIN, Todd. Estilos de navegación e implicaciones políticas. In: GITLIN, Todd. **Enfermos de información.** Barcelona: Paidós, 2005, p. 145-212.

HALL, Stuart. Codificar y Decodificar. En: **Culture, media y lenguaje,** London, Hutchinson, 1980. Pág. 129-139. Traducción: Silvia Delfino. Disponible no site **Nombre Falso. Apuntes sobre Estudios Culturales** [<http://www.nombrefalso.com.ar/index.php?pag=71>]

HALL, Stuart. Notas sobre la desconstrucción de «lo popular» Publicado en SAMUEL, Ralph (ed.). **Historia popular y teoría socialista.** Crítica: Barcelona, 1984. Disponible no site: **Nombre Falso. Apuntes sobre Estudios Culturales** [<http://www.nombrefalso.com.ar/index.php?pag=70>]

HALL, Stuart. Estudios Culturales: Dos Paradigmas. Publicado en la **Revista Causas y azares,** Nº 1, 1994. Traducción de Mirko Lauer. Disponible no site **Nombre Falso. Apuntes sobre Estudios Culturales.** [<http://www.nombrefalso.com.ar/index.php?pag=93>]

HEIDEGGER, Martin. La pregunta por la técnica. In: HEIDEGGER, Martin. **Conferencias y artículos.** Barcelona: Editores del Serbal, 2001, p. 9-32.

LACERDA, Juciano de Sousa. **Redes digitais de solidariedade social.** Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação São Leopoldo: UNISINOS, 2003, 237 p.

LACERDA, Juciano de Sousa. **Ambiências comunicacionais e vivências midiáticas digitais.** Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação São Leopoldo: UNISINOS, 2008, 291 p.

LATOUR, Bruno. 'On Recalling ANT', published by the **Department of Sociology, Lancaster University**, Lancaster LA1 4YN, 1998 disponível em [<http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/papers/Latour-Recalling-ANT.pdf>]

LEMOS, André. Cibercultura: alguns pontos para compreender a nossa época. In: LEMOS, André; CUNHA, Paulo. **Olhares sobre a cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003, p. 11-23.

LOTMAN, Iuri M. Acerca de la semiosfera. In: LOTMAN, Iuri M. **La semiosfera I**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996, p. 21-42.

MALDONADO, Alberto Efendy. Práxis teórico/metodológica na pesquisa em comunicação: fundamentos, trilhas e saberes. In: MALDONADO, A. E et al. **Metodologias de Pesquisa em Comunicação: Olhares, Trilhas e Processos**. Porto Alegre: Sulina, 2006, p.271-294.

MARQUES DE MELO, José. Jornalismo comunitário: o fortalecimento da cidadania. IN: _____. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Paulus, 2006, p. 125-144.

MATTELART, A. **História da sociedade da informação**. São Paulo: Loyola, 2002, 197 p.

MENOU, Michel J.; DELGADILLO POEPSEL, Karin; STOLL, Klaus. Latin American Community Telecenters: "It's a long way to TICperary". **The Journal of Community Informatics**, 2004, vol. 1, ed. 1, p. 39-57. Disponível em: <<http://www.ci-journal.net/index.php/ciej/article/view/191/146>>. Acesso em 10 de novembro de 2007.

MILLS, C. Wright. Do artesanato intelectual. In: MILLS, C. Wright. A imaginação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1975, p. 211-243.

OPPENHEIM, Robert. Actor-network theory and anthropology after science, technology, and society. **Anthropological Theory** 2007; 7; 471. London: Sage Publications, 2007. Disponível em [<http://ant.sagepub.com/cgi/content/abstract/7/4/471>]

PAIVA, Raquel. Para reinterpretar a comunicação comunitária In: PAIVA, Raquel (org). **O retorno da comunidade**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 133-148.

PASQUALI, Antonio. Um breve glossário descritivo sobre a comunicação e informação. In: MARQUES DE MELO, José; SATHLER, Luciano (orgs.) **Direitos à Comunicação na Sociedade da Informação**. São Bernardo do Campo, SP: Umesp, 2005, p. 15-48.

PAVLIK, John V. **El periodismo y los nuevos médios de comunicación**. Barcelona: Paidós, 2005.

PERUZZO, Cíclia M.K. Mídia local e suas interfaces com a mídia comunitária no Brasil. **Anuário Internacional de Comunicação Lusófona 2006**. São Paulo: Intercom, 2006, p. 141-162.

PISCITELLI, Alejandro. **Internet, la imprenta del siglo XXI**. Barcelona: Gedisa, 2005.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: EDUSP, 2002.

SCHAFF, Adam. **A sociedade informática**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SEGATA, Jean. Entre sujeitos: o ciberespaço e a ANT. In: **II Simpósio Nacional da ABCiber - Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura**, 2008, São Paulo: PUC/SP, p. 9-páginas. Disponível em [<http://www.cencib.org/simposioabciber/PDFs/CC/Jean%20Segata.pdf>]

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da; CASSINO, João (orgs.). **Software livre e inclusão digital**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003.

SOUSA, Luiz Gonzaga de. Caracterização das terras agrícolas paraibanas. In: _____. **Análise de desempenho das culturas agrícolas da Paraíba**. Edição eletrônica gratuita, 2006. Texto completo em [www.eumed.net/libros/2006a/lgs]

SPYER, Juliano. **Conectado: o que a internet fez com você e o que você pode fazer com ela**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

TREMBLAY, Gaëtan. La sociedad de la información y la nueva economía: promesas, realidades y faltas de um modelo ideológico. In: MARQUES DE MELO, José.; SATHLER, L. **Direitos à comunicação na sociedade da informação**. São Bernardo do Campo-SP: Umesp, 2005, p. 49-63.

WARSCHAUER, Mark. **Tecnologia e inclusão social: a exclusão digital em debate**. São Paulo: Editora Senac, 2006